

*uma* estrela  
uma . estrela . chamada . senna  
chamada  
*Senna*



Lemyr Martins

*uma* estrela  
uma . estrela . chamada . senna  
chamada  
*Senna*



Copyright © 2001 Lemyr Martins

**Supervisão editorial**

MARCELO DUARTE

**Capa e projeto gráfico**

ANTICQUA EDITORIAL

**Preparação de texto (*Depoimentos e Bastidores*)**

MARIA CECÍLIA CAROPRESO

**Preparação de texto e revisão (*Pré-história, GPs e Resultados*)**

ANTICQUA EDITORIAL

**Editoração eletrônica**

ANTICQUA EDITORIAL

**Fotos**

*Capa:* INSTITUTO AYRTON SENNA

*Quarta capa:* NORIO KOIKE

**Álbum de fotos**

LEMYR MARTINS - REVISTA QUATRO RODAS

INSTITUTO AYRTON SENNA : *páginas 8/9, 10 (Tatui) e 15*

MARTINI (ILUSTRAÇÃO): *páginas 14 e 15*

2001

Todos os direitos reservados à

EDITORA PANDA LTDA.

Rua Purpurina, 412

05435-030 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3032-4511

e-mail: [edpanda@terra.com.br](mailto:edpanda@terra.com.br)

*Obrigado...*

*ao Instituto Ayrton Senna;*

*a Milton Silva, Neyde, Viviane e Leonardo Senna da Silva, pela confiança;*

*a Sílvia (Sissy) Diksztejn, do Dedoc-Abril, pela descoberta das fotos, e à Bizuca, das datas;*

*a José Martins, que me ensinou a contar histórias, e a Germano Lüders, Lucio Pascual, o “Tchê”, Marcelo Duarte, Ricardo Corrêa Ayres e Mário Sérgio Venditti, que me encorajaram a escrevê-las;*

*a Dalva, Dione, Sônia, Natália e Leandro Martins, personagens principais da minha vida.*



*À memória do tricampeão Ayrton Senna*





# *Uma estrela chamada Senna*

---

*Vou me embora,  
vou me embora  
Eu aqui volto mais não  
Vou morar no infinito  
E virar constelação*

Quando a escola de samba Portela apresentou esse enredo, em 1975, Ayrton Senna ainda era um estreante no kart. Naquele ano, ninguém poderia imaginar que Senna iria embora tão cedo para morar no infinito. Ele não virou constelação, mas se perpetuou no firmamento.

Hoje, quem olhar o céu do hemisfério norte — de São Paulo para cima — poderá ver Ayrton Senna em forma de estrela, brilhante e eterno como os astros.

Basta apontar um telescópio comum, de 10 centímetros de diâmetro, para as coordenadas de RA (ascensão reta) 6h53min55,43s em D (declinação) de 37° 56'09.276, explicadas em qualquer observatório. Ela está lá, fulgurante, dentro da Constelação de Auriga (Cocheiro, em grego), cercada pelas de Andrômeda, Touro e Gêmeos, visível de dezembro a maio, meses em que a constelação boreal atinge o seu zênite.

No catálogo internacional de astronomia, Senna transformou-se na estrela 5 2942-1502, que a International Star Registry foi buscar na galáxia para presentear a família do grande piloto. Um ponto luminoso no firmamento que materializou a metáfora cunhada por aqueles que, como nós, viram em Ayrton Senna uma luz própria, que e agora resplandece num pódio onde nenhum outro astro da constelação da Fórmula 1 conseguiu chegar.

*Lemyr Martins*



*depoimentos*  
**. depoimentos .**



# Nasce um campeão

**Neyde.Senna.da.Silva**

---

**mãe.do.piloto**

“Ainda fazia um calor de angustiar naqueles dias de outono de 1960. Eu me preparava para ir me deitar quando senti que alguma coisa de anormal estava acontecendo comigo: me assustei com o incontrolável desejo de urinar. Na época ainda havia muitos tabus e a gente não tinha grandes informações. Tanto que confundi o rompimento da bolsa com a minha micção.

Eram 9h30 da noite do dia 20 de março de 1960. Conteí ao meu marido da perda exagerada de líquido e do princípio de cólicas. Tentamos avisar o doutor Carizzatto, velho médico da nossa família e que já tinha assistido minha mãe no meu nascimento, mas não o encontramos. Foi a Antonieta, experiente parteira do médico, que afinal diagnosticou o rompimento da bolsa, quem ordenou que eu fosse imediatamente para o hospital e maternidade Promater. Enquanto partíamos do bairro do Tucuruvi (*zona norte de São Paulo*), Antonieta conseguiu tirar o médico de uma mesa de pôquer — numa noite de sorte — para me atender.

Como eu já era mãe de uma menina, a Viviane, torcia por um filho. Tudo correu muito bem e às 2h45 do dia 21 de março de 1960 Ayrton nasceu. Foi o único dos meus três filhos que veio ao mundo de um parto seco ( a bolsa já havia se rompido) e, que ironia, justamente ele que seria um campeão do mundo especialista em vencer no molhado.

O primeiro comentário sobre o meu filho foi feito pela Eunice, minha cunhada, e ele era pouco animador. Ela me disse:

— Zazá (meu apelido em casa), você ganhou um menino. É homem o seu filho.

E sem tomar nem fôlego me alertou:

— Olha, não quero te assustar, mas ele é feio, muito feinho.

Eu tive que rir, nunca esqueci a sinceridade dela e fiquei curiosa para ver o meu filho. Olhei o neném, todo enrugadinho, com o rosto semi-encoberto e só com a boca à mostra, que me pareceu enorme, mas não o achei tão feio.

O nome foi outro parto. O Ayrton saiu de uma lista de mais de 20 sugestões e só se chegou a um consenso porque já estávamos no último dos dez dias que o cartório estipula como prazo para o registro.

De Ayrton surgiu 'Beco', um diminutivo oriundo da dificuldade da minha sobrinha Lilian pronunciar o nome do novo primo. 'Becão' foi o apelido assumido por ele. Mas havia outro que nem gosto de comentar e para o qual apelei apenas uma única vez em público. Foi em desespero de causa, na final do Campeonato de Fórmula 3 de 1983, em Snetterton.

Naquele dia havia um clima de suspense na corrida. O Beco ia disputar o título com outro piloto inglês muito bom (*Martin Brundle*). Eu estava um tanto ansiosa e nem fomos vê-lo antes da corrida, para não deixá-lo tenso. Ele ganhou. Então fomos chegando mais próximo da zona onde ele teria que passar depois de ter recebido a bandeirada. Eu queria que ele visse a gente. Parei perto da entrada das garagens, atrás dos boxes, onde os comissários examinam os carros logo depois da prova. Mas havia tanta gente que nós jamais seríamos vistos por ele. Se eu simplesmente gritasse o nome dele, ele não atenderia, tal era a multidão e a correria.

Eu pensei, pensei, olhei meu filho vitorioso dentro do carro já sem capacete e foi aí que me ocorreu a única forma de ser ouvida por ele daquela distância de 30 metros. Enchi o peito de ar e de coragem e gritei a plenos pulmões: Macacôôôôô!!!

Imediatamente ele nos olhou, nos reconheceu, riu e acenou para nós. O Milton, meu marido, que às vezes o chamava assim porque o Ayrton comia muita banana, não gostou e

reclamou: — Onde já se viu chamá-lo assim na frente de todo mundo? — Eu não achei nada de mais. Afinal, ali na Inglaterra, quem iria entender aquele grito de mãe?

Na verdade, o pai, sempre teve a mania de colocar apelido em todo mundo. Como o Ayrton e o irmão caçula Leonardo gostavam muito de bananas, ele brincava de chamar um de macaco e o outro de sagüi. E foi por essa sua mania que o Milton acabou sendo o Gibão para os íntimos, apelido carinhoso dado pela minha filha Viviane.

Depois da corrida, saímos para jantar e para comemorar o título da Fórmula 3 num restaurante perto de onde o Ayrton morava lá na Inglaterra.

O Beco tinha coisas muito particulares. Por exemplo: era o único canhoto na família. Eu faço algumas coisas com a mão esquerda, mas ele desde cedo foi canhoto. Na escola, no primário, houve até tentativas de mudá-lo. Depois as próprias professoras concluíram que era inútil, e a gente deixou tudo por conta da natureza dele.

O Ayrton sempre foi muito carinhoso com as mestras, acho que retribuía a compreensão delas. Certa vez, acho que aos 12 anos, comprou uma rosa e foi levar à casa de dona Nídia, uma das professoras pela qual ele tinha um carinho especial. Quando nos encontramos, a professora me agradeceu, certa de que a iniciativa tinha sido minha e não do Beco. Surpresa, perguntei a ele:

— Meu filho, por que você quis dar uma flor para a sua professora?

Ele me abraçou e simplesmente retrucou:

— Aaahh... foi saudade, mãe. Eu tive saudade da professora e comprei uma flor para ela. — E depois saiu correndo.

O Beco foi brigão no colégio. Vivia arrumando confusão no pátio, no recreio, mas era atento nas aulas. Por isso eu aceitava o hábito dele só fazer as lições de casa dez ou 15 minutos antes de ir à escola. Levantava cedo e, sem preguiça, resolvia os temas rapidamente, como tudo o que fez na vida. Só quando tinha prova é que eu lhe tomava a lição. Mas ele quase sempre sabia tudo. Não era de estudar muito em casa, nunca foi o primeiro da classe, mas estava longe dos últimos.

Certa vez presenciei um curioso diálogo no café da manhã entre o Ayrton e a Viviane. Ele ficara impressionado com o fato da irmã ter estudado até tarde da noite para uma prova de francês. Quando soube que ela precisava só de meio ponto, acabou a solidariedade. Caiu na gargalhada. Afinal, ele havia precisado de quatro pontos em português e tinha resolvido tudo em meia hora.

A roupa só foi se tornar uma preocupação para o Beco depois da adolescência. Até então, usava o que lhe comprávamos, sem preferências. Porém, foi um recordista em gastar sapatos. Ou melhor, botas, porque nenhum calçado convencional resistia por mais de 15 dias às suas travessuras.

Duas semanas era o tempo exato para a bota abrir a sola. E eram botas reforçadas, de cano médio e com contrafortes no calcanhar e no bico. Ele fazia *test driver* com elas. Calçava-as, armava uma corrida e brecava. Se as botas deslizassem, ele não queria. Tinham que segurá-lo. O Beco podia ser sócio da Sapataria Hollywood, uma loja que ficava bem na esquina da nossa rua. O seu Rodolfo, dono da loja, jamais se descuidou da bota preferida do Ayrton. Sempre havia um estoque delas.

Os brinquedos tiveram tudo a ver com o que ele seria no futuro. Primeiro os carrinhos de rolimã e a bicicleta. Depois dos 11 anos, foi o kart. Saía do colégio e ia com o Pedro, nosso motorista, direto para Interlagos.

Nos sábados, domingos e feriados, corria nos trechos em construção da Avenida Marginal do Tietê, com os amigos da época: o Sérgio, o Português e o Jacotinho, todos conduzidos, com seus respectivos karts, no caminhãozinho do pai. O Beco era tão impaciente que, quando chegava a vez do Fábio, o seu primo, andar no kart, ele não se continha e ia soltar pandorga.

O Ayrton sempre foi inquieto. Magrinho mas saudável, e muito desajeitado. Vivia sempre machucado. Não conseguia subir uma escada com mais de três degraus sem tropeçar. Sorvetes, comprava logo dois, porque um sempre acabava no chão.

As trapalhadas do Beco me preocupavam tanto que resolvi levá-lo a um neurologista. Desconfiava da sua coordenação motora e resolvi submetê-lo a um eletroencefalograma. Felizmente, não havia nada de anormal com o menino.



Os meus receios diminuíram quando o Ayrton, com 10 anos, me ensinou a colocar marcha à ré num carro hidramático que eu estacionei num supermercado e depois não sabia como manobrar. Depois, quando vi meu filho que mal alcançava os pedais dirigir com incrível facilidade um jipe pela fazenda, lá em Goiás, mudei de opinião e parei de me preocupar com seu jeito desastrado.

Na verdade, ele era desajeitado por ser veloz. Aprendia tudo muito rápido e queria executar imediatamente. Não tinha noção do espaço que ocupava e jamais ficava quieto. Estava sempre se entretendo com alguma coisa ou alguém. Era incrível como atraía a atenção das pessoas.

Quando o Ayrton teve a paralisia facial, ele já estava na Fórmula 1, e foi nessa ocasião que vi o quanto ele era querido. Jorrou solidariedade. Foi tão incrível o que houve de gente mandando receita de remédios, simpatia, conselhos, que cheguei a perguntar a ele, sem ciúmes, como ele tinha arrumado tantas mães.

O doutor Sid Watkins, que era o médico dos pilotos da Fórmula 1, alertou-o para que ele jamais se submetesse a uma operação. A paralisia cederia com o tempo, mas não se sabia até que ponto. O Beco ficou com seqüelas, e meu olho de mãe percebia isso. Bastava ele estar preocupado, ou mesmo um pouco cansado, que o olho ficava menor.

As mães sempre acham que seus filhos não se cuidam o suficiente. Mesmo assim, quando o Beco partiu para a Europa, em 1981, para se dedicar ao automobilismo, eu falei para ele que não ia lhe dar nenhum conselho especial. Meu coração de mãe sentia que a vontade dele era tão forte que só aquela carreira o faria feliz. Apenas beijei-o e disse:

— Eu cuidei de você até aqui. Agora te entrego nas mãos de Deus. É Ele quem vai guiar você.

E Deus fez a Sua vontade.”

# O pai projetista

Milton . Guirado . Theodoro . da . Silva

---

pai.do.piloto

“Sempre gostei de automobilismo e como o Ayrton era fanático por kart resolvi me transformar num pai-projetista e construí um kart para ele. Foi o brinquedo que, com o passar dos anos, acabaria se transformando no lado mais sério da vida dele. Na época, eu tinha a Metalúrgica Universal, no bairro do Tremembé, em São Paulo. Improvisei o projeto com base no que eu via em fotos, e o trabalho, totalmente artesanal, feito peça por peça, levou seis meses, uma eternidade para o Ayrton, que estava contando os dias, ansioso para ter o carrinho.

Nosso primeiro projeto tinha alguma sofisticação: os freios já eram a disco, a direção de cremalheira, banco anatômico, mas o motor foi adaptado de uma máquina de cortar grama de 3 cv. Era normal, portanto, que o kart tivesse pequenos problemas técnicos. Ficou um pouco alto em relação ao chão, o banco tinha inclinação limitada e a relação entre o motor e a cremalheira (corrente de tração) ficou longa. Uma característica que deixou o kart com pouca força na arrancada, mas ele chegava a 60 km/h de velocidade final, que o Ayrton atingia sem esforço nenhum, apesar de só ter 4 anos. Eu tinha medo, mas ele pilotou aquele kartinho até os 9 anos sem nenhum problema.

A gente ia a lugares sem trânsito, como um antigo loteamento na saída de São Paulo da Rodovia Fernão Dias. O Ayrton tinha uma porção de amigos, eu juntava a molecada, colocava os karts num caminhão e supervisionava a brincadeira nos finais de semana.

Quando ele tinha 9 anos, comprei um kart oficial. Era muito bonito e fora feito para o Emerson Fittipaldi, já com freios dianteiros. Era muito aerodinâmico. Quando fez 13 anos, levei o Ayrton para competir na categoria de estreantes e novatos. Aniversariou em 21 de março e em julho participou do Torneio de Inverno, em Interlagos. Ganhou as duas provas e o torneio de estréia.

Mas antes disso, ainda aos 9 anos, Ayrton competiu numa prova amistosa de rua, em Campinas, São Paulo. Não esqueci que fui eu, e não ele, quem tremeu naquele dia — se é que algum dia ele tremeu. Me assustei quando vi mais de 30 kartistas, todos mais velhos. As posições de largada foram definidas por sorteio, cabendo ao Ayrton o número 1. Fiz tudo para ele não entrar na pista. Retirei a inscrição e guardei o kart. Mas a insistência dele foi tamanha que acabei concordando, só que com uma exigência: não sair na *pole position*, e sim em último.

Também perdi essa parada. Bom, pensei, seja o que Deus quiser. Eram 40 voltas. Ele largou na frente e foi mantendo a liderança, enquanto eu, nervoso, torcia para a corrida terminar. Já estava na 35ª volta e os demais pilotos aumentavam a pressão, mas ele nem tomava conhecimento: seguia firme, fazendo tomadas, fechando a porta e me fazendo sofrer. De repente, num trecho complicado, um estrondo, a poeira levantou e ele sumiu... Saí correndo para o local, pensando: mataram o moleque. Mas foi só susto. Quando cheguei na curva, ele já estava de pé, sacudindo a poeira e olhando feio para o garoto que o havia tirado da pista.

Como ele continuava fanático por tudo o que tinha motor, resolvi montar uma oficina completa na nossa casa. Foi ali que ele aprendeu a tornear, a inventar mil e uma no seu kart. Varava o dia inteiro e, se deixasse, a noite, montando e desmontando os seus karts. Era difícil fazê-lo se desligar da graxa e mandá-lo para a cama antes da meia-noite. Eu, como já disse, gostava muito de automobilismo e ele era muito bom nessa arte. Acho que por isso existia uma grande motivação recíproca. Mas havia uma filosofia por trás desse brinquedo: a de que ele extravasasse toda a sua energia de jovem no kart e não em outras coisas.

O Ayrton, como todos os meu filhos, era teimoso. Herdaram essa ‘virtude’ um pouco de mim e outro tanto da Neyde. Mas isso não impediu que ele refletisse e agisse dentro da lógica para fazer prevalecer o que era melhor para nós. Eu não queria vê-lo piloto profissional, mas ele ficou tão desmotivado trabalhando nos negócios da família que acabei concordando.

Sempre tememos os acidentes, mas depois que o Ayrton entrou pra valer nesse esporte tentamos dar-lhe o máximo de apoio. Ajudamos a amadurecer a experiência, insistindo para que não queimasse etapas e seguisse a ordem natural da carreira: Fórmula Ford, Fórmula 2000 e Fórmula 3. Aí, como segurá-lo se o moleque foi campeão em tudo e nessa ordem? Chegou a ganhar dois campeonatos simultâneos nas três categorias, o britânico e o europeu.

O Ayrton tinha muita iniciativa. Fez 18 anos e no dia seguinte foi tirar a carteira de habilitação. Foi ele quem descobriu e contratou o Tchê, seu mecânico nos tempos de kart. Quando tirou o brevê para piloto de helicóptero, ele veio me mostrar o diploma. Um pergaminho que hoje está na sala da Arystec (*sigla de Ayrton Senna Técnica*) no aeroporto de Campo de Marte, em São Paulo. Olha, não sei como ele não pediu para pilotar um dos supersônicos da FAB que o escoltaram quando ele regressou tricampeão da Fórmula 1 e no qual depois voou como convidado.

O Ayrton adorava a Fazenda Caraíbas, que nós tínhamos em Goiás. Pequeno ainda, com 7 anos, adonou-se do jipe Wyllis 1967 que havia por lá. Mal alcançava os pedais, mas passava o dia inteiro levando os vaqueiros para todos os cantos da fazenda. Também fazia misérias numa moto Suzuki 180 nas terras da propriedade do Tocantins.

Certa vez ele ficou muito triste porque perdeu o primeiro capacete que eu tinha lhe dado. Na verdade, ficou esquecido dentro de um almoxarifado. Há pouco tempo, ao vender a fazenda, eu o recuperei, e o Sid Mosca, que pintava todos os seus capacetes, fez uma bela restauração dele. A peça agora está no Memorial.

O Ayrton aprendia tudo muito rapidamente porque tinha a escola do kart. E o menino que se inicia no kart leva uma grande vantagem, pois vai cuidar do físico,